

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SOLIDARIEDADE: CARTOGRAFANDO FUTUROS POSSÍVEIS

RODRIGUES, Ana Raquel de Souza<sup>33</sup>

### RESUMO

Em tempos de transição paradigmática, somos convidados a produzir novas práticas e conhecimentos a favor da emancipação social e da solidariedade. A investigação das potencialidades nas redes tecidas pelos jovens em Educação Ambiental deu visibilidade à solidariedade e à utopia ecológica como dimensões fundamentais às práticas educativas emancipatórias, principalmente num contexto de Educação Profissional, em que valores, tais como individualismo e competitividade, são enaltecidos por serem condições de empregabilidade. Os alunos jovens, inconformados com as atuais condições de vida, investem em táticas locais de superação da opressão e da exclusão instituídas no seio da globalização hegemônica e se colocam como agentes no processo de transição paradigmática e societal, cartografando, assim, futuros possíveis.

### PALAVRAS-CHAVE

Educação Ambiental. Solidariedade. Juventude.

### INTRODUÇÃO

O paradigma dominante da ciência moderna, pretensiosamente neutro, foi construído a partir do pressuposto de uma exterioridade e independência do objeto representado e do sujeito cognitivo. O conhecimento tornar-se tanto mais científico e racional quanto mais são diferenciadas as identidades dos sujeitos e dos objetos. A partir dessa lógica dual, outros polos emergem como fundamentais para a interpretação do mundo: natureza e cultura, homem e mundo, local e global, teoria e prática, objetivo e subjetivo, ciências naturais e ciências sociais, entre outros. Essa cisão na forma de pensar, que leva a um modo de *saberexistir* fragmentado, tem dificultado a percepção da complexidade do mundo e de tudo quanto não se pauta pelos princípios epistemológicos do paradigma dominante.

No entanto, todo o avanço científico e tecnológico não tem garantido a todos as promessas de bem-estar social e econômico, mas aumentado os processos de desigualdade e exclusão social; por isso a *racionalidade cognitivo instrumental*, base da ciência moderna, tem sido questionada por novas formas de pensar/estar no mundo (SANTOS, 2005, 2006).

Devido às inúmeras crises socioambientais que nos assolam, decorrentes da crença exacerbada no homem como senhor da natureza, há de pensar novas formas de relação entre o homem e a natureza, mais solidárias e éticas, que sejam potencializadoras de tessituras sustentáveis entre a natureza e a sociedade.

Pela complexidade e abrangência, a Educação Ambiental faz interface com várias áreas de saber e demanda movimentos de religação e associação do que está disjunto, colocando-se, nesse contexto, como um *saberfazer* potencializador da religação do homem e mundo, da natureza e cultura,

<sup>33</sup> Mestre em Educação na linha Cultura, Currículo e Formação de Educadores. Pedagoga do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (atualmente, Ifes).

do sujeito e objeto. Por ser uma temática transversal, a Educação Ambiental desponta no cotidiano escolar como possibilidade de “reencantamento da educação” (ASSMAN, 1998) pela introdução de novas racionalidades e outras formas de ser/estar/sentir/fazer/pensar o mundo. Portadora de novas sensibilidades e postura ética e sintonizada com o projeto de uma cidadania ampliada (TRISTÃO, 2004), a Educação Ambiental apresenta uma gama de possibilidades para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais emancipatórias.

Em tempos de transição paradigmática, somos convidados a produzir novas práticas, atitudes e conhecimentos a favor da emancipação social e da solidariedade: a visão hegemônica e dicotômica da ciência é questionada pelo reconhecimento de que as “grandes narrativas” são expressões da vontade e do domínio e controle dos modernos e, portanto, não são naturais, mas discursos construídos. A natureza como objeto passivo de conhecimento e dominação pelo sujeito da razão é uma das produções discursivas dessas grandes narrativas.

Carvalho (2006), Guimarães (2004) e Tristão (2004) consideram a *temática ambiental* como uma das sínteses possíveis da crise dos paradigmas da ciência e da organização social, pois o modo de pensar da racionalidade moderna não dá conta de responder aos problemas ambientais. Esses problemas não podem ser compreendidos apenas pela racionalidade técnica, porque é produto das contradições e das crises da razão e do progresso, e isso exige pensamento e sensibilidade complexos, bem como a rejeição de todas as formas de reducionismo. Nesse sentido, a crise ambiental expõe a insuficiência dos fragmentos despedaçados pela ciência moderna e reivindica novas aproximações para que se compreenda a complexidade das interações entre sociedade e natureza.

Não se trata de negar o valor do conhecimento científico e de suas aplicações

tecnológicas, mas compreendê-lo criticamente, possibilitando o diálogo com outras racionalidades, entre as quais o senso comum: “a ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento se deve traduzir em sabedoria de vida” (SANTOS, 2006, p. 91).

Ainda de acordo com Santos, novas formas de pensar começam a se configurar a partir de outras concepções:

Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da irreversibilidade, a reversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente (SANTOS, 2006, p. 48).

Diante das crises vividas na contemporaneidade, emerge um novo olhar sobre o conhecimento. Aquele conhecimento concebido como verdade absoluta e de caráter imutável já não dá conta de responder às necessidades do nosso tempo. Há uma busca desenfreada por restituir a unidade perdida do saber. A globalização, as revoluções tecnológicas, as mudanças no mercado de trabalho e a crise ambiental são movimentos que implicam noções de invasão, contato e transferência. Por isso, é necessário desenvolvermos uma atitude de inquietação epistemológica que promova a reflexão e a religação dos fragmentos despedaçados pelo discurso dominante da ciência moderna no intuito de visualizarmos e/ou introduzirmos racionalidades mais éticas e estéticas no campo educativo.

Este texto é parte da pesquisa de mestrado<sup>34</sup> desenvolvida no Cefetes – Centro Federal de Educação Tecnológica

<sup>34</sup> Dissertação intitulada “Ger(ação) inconformista: as potencialidades emancipatórias nas artes juvenis em Educação Ambiental”, defendida em maio de 2009.

do Espírito Santo (atualmente, Ifes) – junto aos/às estudantes jovens e objetivou investigar as potencialidades epistemológicas emancipatórias inscritas nas redes tecidas pelos/as jovens em Educação Ambiental, a fim de pensar práticas educativas mais solidárias com o próximo e com a natureza. A trajetória de pesquisa em que partilhei a metodologia para os estudos com o cotidiano escolar sinalizou oito dimensões de potencialidades epistemológicas inscritas nas artes ou práticas dos/das alunos/as jovens: *cidadania, solidariedade e ética, criação e estética, prazer e autoconhecimento, sensocomunização do conhecimento científico, entrelaçamento de saberes, pedagogia dialógica e utopia ecológica*. Essas dimensões não estão dissociadas, mas se apresentam enredadas nas práticas em Educação Ambiental. Contudo, para fins didáticos, foram organizadas em oito dimensões, duas das quais, neste texto, farei menção: *solidariedade e ética e utopia ecológica*.

Para a produção dos dados, fiz uso de observações das artes juvenis, acompanhadas de conversas e entrevistas semiestruturadas, e também de narrativas e de produções imagéticas dos/das jovens que teceram as redes do *cotidiano vivido*. Partilho o entendimento de Certeau (1994) de que o cotidiano é *espaçotempo* de descobertas e de criação, em que seus praticantes ordinários têm suas ações realizadas na tensão permanente entre a regulação e a emancipação<sup>35</sup>. As práticas desenvolvidas no cotidiano escolar que pude apreender durante o percurso da pesquisa foram: projeto “Com Ciência Ambiental”<sup>36</sup>, projeto “Vivenciartes”, Miniempresa e Educação para a gestão ambiental.

As potencialidades epistemológicas emergentes das práticas juvenis introduzem

outras formas de *pensar, sentir, estar no mundo* diferentes da lógica imposta pela racionalidade moderna, as quais, num contexto de educação profissional, trazem outros valores questionadores do individualismo e da competitividade instituídos no seio da globalização excludente. A ordem imperialista de mercado, que se apropria da natureza como fonte inesgotável de recursos e privilegia uma leitura instrumental das questões socioambientais, é problematizada pelas práticas juvenis em Educação Ambiental.

### **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PELAS REDES DO CONHECIMENTO EMANCIPAÇÃO**

Estamos vivendo uma época de transição paradigmática em que os pilares do discurso hegemônico da ciência moderna estão sendo questionados por novas formas de pensar/estar no mundo. Como as promessas anunciadas pela modernidade não foram cumpridas e os problemas sociais são de difícil solução pelo paradigma moderno, Santos (2005) defende a ideia de que os nossos problemas sociais são epistemológicos. Ele aposta na reinvenção de um “novo senso comum” para recuperarmos uma tradição epistemológica marginalizada e desacreditada da modernidade, o *conhecimento emancipação*.

O paradigma emergente explicitado por Santos (2005) associa a produção de conhecimento (conhecimento prudente) à qualidade de vida social (para uma vida decente). Nesse movimento de transição paradigmática, a Educação Ambiental tem muito que contribuir pelas dimensões política, ética e estética que lhe são intrínsecas e pelo caráter emancipatório de seu conhecimento. Como nos afirma Tristão (2005, p. 251), a “Educação Ambiental é carregada de sentidos e de significados de um paradigma emergente, de novos modos de sensibilidades entre utopistas e utopias”.

35 A fim de superar a dicotomia entre regulação e emancipação, o esforço reside na compreensão da *tensão* que se dá na relação entre elas.

36 Esse projeto foi desenvolvido durante o semestre letivo 2008/1 e envolveu, ao todo, sessenta projetos relacionados à temática socioambiental.

Santos (2005) distingue duas formas de conhecimento no projeto da modernidade: o conhecimento regulação e o conhecimento emancipação. Como toda ação de conhecer constitui-se numa trajetória que vai de um ponto de ignorância para um ponto de conhecimento, no *conhecimento regulação* o caminho se faz do caos (ignorância) para a ordem (saber); no *conhecimento emancipação*, parte-se do colonialismo para a solidariedade. No projeto da modernidade, não há equilíbrio entre essas duas formas de conhecimento: o conhecimento regulação conquistou a primazia sobre o conhecimento emancipação pela hegemonia da racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da tecnologia sobre as demais racionalidades. A *ordem* transformou-se na forma hegemônica de saber e o *caos* na forma hegemônica de ignorância. É esse saber concebido como “ordem” que traz a visão antropocêntrica e dicotomizada do meio ambiente, com a sociedade de um lado e a natureza de outro, bastando à Educação Ambiental informar conhecimentos, atitudes e valores “ecologicamente corretos” para o alcance de uma sociedade sustentável.

No entanto, se pretendemos ampliar os repertórios compartilhados pelos sujeitos ambientais para a prática de uma Educação Ambiental emancipatória, temos de resgatar a *solidariedade* como forma de saber. Para Santos (2005), a solidariedade é uma prática de conhecimento que se desdobra numa prática política. A solidariedade reconhece o outro como sujeito, considera a reciprocidade entre sujeitos e entre ações, o que implica pensar as ações locais em sincronia com o global, alcançando uma consciência e cidadania planetárias. O saber, como solidariedade, converte assim “[...] a comunidade no campo privilegiado do conhecimento emancipatório” (SANTOS, 2005, p. 81).

Visto que o discurso argumentativo emerge das comunidades interpretativas, o conhecimento emancipação, que se assume incompleto e local, deve ser disseminado pelas

redes de comunidades – escolas, universidades, eventos, encontros, entre outras – que trazem a possibilidade do diálogo, da abertura ao outro, do encontro/confronto entre diversas formas de interpretar a realidade. Nessa acepção, comunidade não se limita à territorialidade do espaço contíguo, ao local e à temporalidade do tempo imediato, trata-se de

[...] territorialidades locais-globais e temporalidades imediatas-diferidas que englobam o conhecimento e a vida, a interação e o trabalho, o consenso e o conflito, a intersubjetividade e a dominação, e cujo desabrochar emancipatório consiste numa interminável trajetória do colonialismo para a solidariedade própria do conhecimento-emancipação (SANTOS, 2005, p. 95).

É importante reconhecer, porém, que os vários saberes que circulam nas redes das comunidades interpretativas são todos eles incompletos, carecendo da articulação em rede, como esclarece Santos (2005, p. 31):

O conhecimento emancipação não aspira a uma grande teoria, aspira sim a uma teoria da tradução que sirva de suporte epistemológico às práticas emancipatórias, todas elas finitas e incompletas e, por isso, apenas sustentáveis quando ligadas em rede.

Na configuração das comunidades interpretativas, rompem-se fronteiras tão rígidas da modernidade – público e privado, individual e coletivo, ciência e senso comum, local e global, ordem e caos – e instalam-se outros caminhos possíveis ao caminhar; não a via única do linearismo mecanicista, mas caminhos plurais e solidários em relação ao meio ambiente e ao ser humano.

## SOLIDARIEDADE E ÉTICA: O CUIDADO COM O OUTRO

Se pretendemos ampliar os repertórios compartilhados pelos sujeitos ambientais para a prática de uma Educação Ambiental emancipatória, temos de resgatar a

*solidariedade* como forma de saber. A solidariedade reconhece o outro como sujeito, considera a reciprocidade entre sujeitos e ações, o que implica pensar as ações locais em sincronia com o global, alcançando uma consciência e cidadania planetárias. A ética, no conhecimento emancipação, seria o fundamento das sensibilidades ecológicas e dos valores emancipatórios que sustentam as práticas educativas ambientalmente sustentáveis.

É no espaço da ética que se propõe pensar o sujeito numa relação de alteridade e questionar os valores relacionados ao comportamento do indivíduo e dos grupos nas sociedades. Nesse sentido, a Educação Ambiental deve resgatar os valores oprimidos pelo racionalismo moderno e evitar o desperdício de experiências para enriquecer a nossa relação com o mundo num exercício de religação do ser humano com os seus semelhantes e com o planeta.

Assim, podemos inferir que as redes de solidariedade e a ética individual, na busca de uma inteligibilidade recíproca entre experiências, conhecimentos e seres humanos, podem tomar uma amplitude maior no trabalho das comunidades interpretativas e, assim, alcançar a sustentabilidade planetária.

Com esses projetos você acaba pensando um pouco mais assim, não só em você, pensando no outro, porque *“Ah, eu vou..., se eu to contribuindo ou não, eu vou morrer mesmo. Não vou ficar aqui pra ver a destruição da Terra.”* Mas, e quem vai continuar aqui depois? Quem? Os filhos, os netos, gerações futuras ou, de repente, até a nossa própria geração. A gente não sabe. [...] Então eu acho que o principal é isso: na educação ambiental você pensar um pouco mais no outro, no seu futuro próximo, no seu futuro distante assim, também no meu futuro, né, no ser humano de modo geral. Não só pensar em mim, na minha família, mas pensar também no outro. (Sávio – jovem integrante do Grêmio Estudantil do Cefetes).

As práticas dos/das jovens em Educação Ambiental revelaram preocupação em relação à qualidade de vida e ao futuro do planeta para

as próximas gerações. A interação com outros atores/atrizes sociais foi fundamental para que os/as jovens percebessem a grande teia da vida, ou seja, o fato de estarmos todos enredados ao complexo socioambiental. Assim, ações e atitudes foram desenvolvidas para conscientizar a população acerca dos problemas que nos afligem e propostas foram levantadas para reduzir ao mínimo ou evitar esses problemas. Os/as jovens do Cefetes, especialmente aqueles/as que desenvolveram suas práticas ambientais em outras escolas, afirmaram a preocupação com as gerações mais novas, conforme relato de conversa no dia da exposição dos projetos *“Com Ciência Ambiental”*:

Esse trabalho foi importante porque conscientizou as crianças, formou a mente crítica pras questões sociais. Isso é importante porque quando se tornar adulto ela vai ter uma consciência maior (Ramon – projeto desenvolvido em um CMEI/Vitória).

Outro grupo de jovens, cujo desenvolvimento do projeto se deu numa escola infantil no município de Cariacica, foi indagado por mim acerca da redação do projeto escrito: *“com tantos problemas ambientais, tratados com descaso pela maioria das pessoas, é essencial criar as bases de uma sociedade nova, baseada em outros valores”* (Projeto *“Plantando consciência / Geração ecológica”*). Na pretensão de conhecer que outros valores seriam esses, obtive as seguintes respostas: respeito ao próximo, amor, solidariedade, cuidado com o meio em que se vive e preocupação com as gerações infantil e futura.

Você aprende a respeitar o seu colega, a sua mãe, o seu pai, você vai respeitar o meio ambiente também. Então, ensinando outros valores, elas [as crianças] conseguem ter assim a conscientização ambiental. O social se transforma no ambiental também (Darlane – projeto *Plantando consciência / Geração ecológica*).

A relação social e ambiental também se fez notar nos vídeos produzidos pelos/as jovens. Desigualdade social, consumismo e poluição foram alguns temas explorados pelos

alunos. A percepção crítica dos/das jovens se fez notar pela abordagem crítica das imagens, que trouxeram à tona problemas oriundos do sistema econômico vigente e o culto aos seus valores, em que vidas se tornam objetos de interesses econômicos e são exploradas em suas condições de existência. No sistema de produção capitalista, a tentativa de repensar a relação ser humano-natureza implica a busca do sentido ético de pensar e fazer ciência, uma vez que as condições sociais e as crises da contemporaneidade são decorrentes das contradições e das crises da razão e do progresso desordenado.

Embora os/as jovens que participaram das atividades da Miniempresa não façam uma análise crítica da relação entre mercado e produtos “verdes”, não se pode desconsiderar a preocupação com o meio ambiente que perpassa o desenvolvimento de suas práticas:

Porque nós mais jovens, nós não temos muita coisa ainda, nós não temos esses vícios ainda de ficar utilizando os recursos naturais com tanta ousadia. Então, assim, a gente tem que começar passar pras pessoas, não só pros jovens, pros outros também, pra tentar consertar isso. Mas, principalmente, a gente tem que começar a passar pros outros a ideia de que a gente tem que saber usar os recursos naturais (Dayane – jovem integrante da Miniempresa Anotação).

Pensar na relação ser humano-natureza mais equilibrada e nas relações entre humanos mais igualitárias significa pensar o outro não mais como objeto (como no colonialismo), mas “[...] visa substituir o objecto-para-o-sujeito pela reciprocidade entre sujeitos” (SANTOS, 2005, p. 83) por meio do saber como solidariedade.

Como vivemos em uma sociedade em que os efeitos da intervenção humana nas mais diversas dimensões da vida têm resultados caóticos e, frequentemente, imprevisíveis, podemos afirmar que a incerteza quanto ao tempo presente e ao futuro reconhece o conflito (promovido pelo caos) e aceita a prudência de ações (promovida pela solidariedade). Assim, o caos, concebido como saber e não meramente

como ponto que deve ser superado, leva-nos a reconhecer o imprevisível e a desordem no movimento de aprendizagem.

A ética, como potencialidade epistemológica, traduz-se na responsabilidade e no cuidado pelo futuro comum da Terra e da humanidade. A religação de todos os seres vivos a seu entorno emerge como possibilidade de “reencantamento da Educação” pela convergência de ações, práticas e projetos de vidas sintonizados com racionalidades e sensibilidades éticas que unem o aprender cognitivo aos processos interativos de vida.

### **UTOPIA ECOLÓGICA: CARTOGRAFANDO FUTUROS POSSÍVEIS**

A espera e a luta por um futuro melhor – ecologicamente mais equilibrado e de relações sustentáveis – é a utopia que move a humanidade e dá sentido ao viver, ao “vir-a-ser” mais humano e ético. A utopia é o exercício de pensamento que cartografa futuros possíveis, que podem ser buscados e alcançados, considerando as possibilidades do real de concretização desses futuros e ampliando-as por meio da visibilidade de lógicas alternativas potenciais. Essas alternativas consistem em experiências locais e na criatividade de ações que, em diálogo com os limites e as possibilidades de um determinado contexto, possibilitam iniciativas e reforçam a utopia por práticas sociais mais emancipatórias e sustentáveis.

Santos (2005, p. 36) entende utopia como

[...] o realismo desesperado de uma espera que permite lutar pelo conteúdo da espera, não no geral, mas no exato lugar e tempo em que se encontra. A esperança não reside, pois, num princípio geral que providencia por um futuro geral. Reside antes na possibilidade de criar campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente às evidências da inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos

os tempos e lugares exceto naqueles em que ocorrem efetivamente. É este o realismo utópico que preside às iniciativas dos grupos oprimidos que, num mundo onde parece ter desaparecido a alternativa, vão construindo, um pouco por toda parte, alternativas locais que tornam possível uma vida digna e decente.

A criação cotidiana de alternativas ao modelo hegemônico concretiza-se por meio de táticas emancipatórias em que a competição e a colonização do outro perdem a tônica e são substituídas pela prudência de ações e pelo reconhecimento do outro como sujeito. Nesse sentido, a natureza não é dissociada do ser humano tampouco objetualizada, mas é dimensão interativa e dialógica de todas as formas e processos de vida.

A Educação Ambiental, ao questionar a hegemonia da racionalidade cognitivo-instrumental e os territórios demarcados pela ciência moderna, favorece a legitimidade de modos alternativos de *saberesfazeres* inseridos nas práticas educativas e amplia as possibilidades de emancipação social. Como nos afirma Tristão (2005), a “Educação Ambiental é carregada de sentidos e de significados de um paradigma emergente, de novos modos de sensibilidades entre utopistas e utopias” (p.251). Assim, a crença fundamental de uma educação ambiental emancipatória é de uma utopia possível, um devir a ser de “uma vida decente” contra o “desperdício” das experiências desenvolvidas em nome de um conhecimento prudente.

A ênfase em uma utopia ecológica é explicada pela energia dessa crença – carrega em si a transversalidade de saberes e a inclusão de valores fundamentados na solidariedade – na configuração de redes de ações, propostas e movimentos sociais nos diferentes *espaçostempos* estruturais em que estamos inseridos. A utopia ecológica exige assim a utopia democrática, ou seja, a horizontalização das relações políticas, econômicas e culturais planetárias.

É ainda com Santos (2003, p. 296) que

entendemos:

De todos os problemas enfrentados pelo sistema mundial, a degradação ambiental é talvez o mais intrinsecamente transnacional e, portanto, aquele que, consoante o modo como for enfrentado, tanto pode redundar num conflito global entre o Norte e o Sul, como pode ser a plataforma para um exercício de solidariedade transnacional e intergeracional. O futuro está, por assim dizer, aberto a ambas as possibilidades, embora só seja nosso na medida em que a segunda prevalece sobre a primeira.

E foi no cotidiano, na busca de usos astuciosos, que refleti sobre a utopia ecológica dos/das jovens a qual alimenta as redes em Educação Ambiental. Essa geração demonstra inquietude sobre as condições reais de sustentabilidade e preocupações com o futuro do planeta para as gerações mais novas e vindouras.

Isso significa pensar a transformação global não só nos modos de produção e nas relações sociais, como também numa relação paradigmática com a natureza diferente daquela que o discurso dominante da ciência moderna estabeleceu.

Os/as jovens criticaram o consumo excessivo dos bens naturais, a exploração da natureza pelo ser humano, as relações de poder, as desigualdades sociais, as catástrofes ambientais e, por esse exercício reflexivo, trouxeram energia emancipatória para o cotidiano “pela inserção da novidade utópica no que nos está mais próximo” (Santos, 2003, p. 106).

O desejo por uma condição de vida mais digna para todos amplia os horizontes das ações dos/das jovens e sustenta as redes ambientais no cotidiano escolar. A preocupação com o futuro não exime a juventude de suas responsabilidades no tempo presente, ao contrário, fomenta e credibiliza as ações desse tempo. Uma jovem, ao comentar a necessidade de colocar em prática atitudes mais solidárias, faz a seguinte

observação:

[...] é muito mais proveitoso para o futuro, que às vezes a gente pensa assim: “*Não, mas eu não vou tá aqui.*” Mas os nossos netos, e os nossos filhos? E, às vezes, é um futuro bem mais próximo do que a gente pensa porque se todo mundo continuar pensando assim: “*Ah não, eu não preciso economizar porque eu vou morrer antes disso acontecer.*” Agora imagine mais de um milhão de pessoas pensando igual! Vê se realmente eles vão morrer antes disso acontecer! (Gabriela – projeto Consumo de água no Cefetes).

Relato de outra jovem:

Eu acho que a gente tem que começar por nós e depois pelas pessoas que estão à nossa volta pra tentar mudar o mundo porque o mundo não vai assim mudar de uma hora pra outra. Tem que começar pela gente, a gente tem que pensar nas nossas atitudes, tentar mudar as atitudes. Não mudar assim radicalmente as pessoas que estão ao nosso lado, mas pelo menos, mostrar os que elas estão fazendo, o que elas podem melhorar pra fazer uma sociedade melhor, uma convivência melhor para que todos se beneficiem (Isadora – projeto O estudo da assepsia nas dependências do Cefetes).

Como a utopia ecológica tem uma dimensão política, cito outro relato de Isadora em que ela faz um questionamento sobre as condições socioambientais dos menores infratores, valendo-se de casos vividos e comentados por sua tia, que é juíza:

[...] aí quando ela [sua tia] prende os garotos lá e vai pra prisão, ela vê que as condições deles lá é horrível, é pior que se eles estivessem fora. Como eles estão lá e não tem condição de nenhum ser humano ficar lá porque a prisão é pequena e fica 20, 30 meninos ali dentro. Como que um ser humano fica ali? Isso daí não é lugar pra ser humano. Aí entra a questão da política, o governo tem que fazer um lugar decente pra ela [a pessoa infratora] ficar lá, se recuperar. Porque quando a pessoa é presa ela volta pior [...].

Esse pequeno relato chama a atenção para as condições socioambientais a que estão submetidos os marginalizados socialmente, em especial os que sofrem privação ou restrição de liberdade, e a influência dessas condições

na recuperação dos infratores. Os princípios ético-políticos nos espaços das práticas sociais cotidianas também devem ser observados no trato com os excluídos socialmente. É o reconhecimento do outro como legítimo outro que faz essa jovem clamar por políticas em que o cuidado com o ser humano seja fundamentado por relações de respeito e solidariedade.

Nas práticas de Miniempresa<sup>37</sup>, há de credibilizar as ações dos/das jovens na produção de um produto em que foi possível pensar perspectivas outras, que não a de exploração e uma consciência ecológica de que os bens naturais são finitos. A novidade utópica dessas práticas está na perspectiva da humanização da natureza a partir do questionamento da natureza como bem de consumo e como objeto de exploração do ser humano.

Relações humanas mais igualitárias, fomento ao engajamento coletivo pelas causas socioambientais, respeito às necessidades locais e à diversidade biológica, ampliação da participação cidadã na gestão dos bens públicos são questões trazidas pelos/as jovens que permearam as artes em Educação Ambiental. A inclusão de valores e crenças vinculados ao conhecimento emancipação favorece as conexões e as alianças necessárias para ampliar as práticas educativas emancipatórias e para alimentar a utopia ecológica.

As artes de *saberesfazeres* dos/das jovens em Educação Ambiental são utópicas no

37 A experiência de mercado vivenciada pelos/as miniempresários/as é o objetivo principal desse programa que, inserido na conjuntura neoliberal, visa ao treinamento de jovens e ao desenvolvimento de capacidades e habilidades consoantes às exigências de um sistema econômico capitalista cada vez mais competitivo e excludente. Inseridas nesse contexto, as atividades de Miniempresa estão a serviço do capital, da competitividade, do lucro e do consumo. Contudo, como todo programa instituído possui “brechas”, por onde podemos vislumbrar potencialidades emancipatórias, a tentativa aqui é de superar entendimentos dualistas e buscar articulações de ações e de práticas que se realizam na tensão permanente entre regulação e emancipação.



sentido político, porque consistem em táticas de superação da opressão, da descaracterização e da exclusão instituídas no seio da globalização hegemônica. No que se refere às práticas sociais da Educação formal, penso que a utopia possa ser desenvolvida na discussão dos saberes compartilhados e na validação desses saberes quanto ao potencial emancipatório. Como Oliveira (2006, p. 151-152), mantenho esta crença:

No que se refere às aprendizagens situadas no campo do formal e do explícito, será preciso que a luta se desenvolva em termos da discussão dos fundamentos e do valor que pode ser atribuído a esses saberes na perspectiva da indissociabilidade entre seus aspectos formais e suas possibilidades emancipatórias.

E como os/as jovens protagonistas desta pesquisa, afirmo que a luta por uma sociedade e uma ciência baseadas em valores sustentáveis continuará sendo a nossa constante utopia. Estou ciente de que as reflexões e as decisões possíveis aos sujeitos em cada circunstância envolvem desafios políticos, éticos e epistemológicos de opção pela manutenção da vida.

### **POR PRÁTICAS EDUCATIVAS MAIS EMANCIPATÓRIAS...**

A solidariedade como virtude emancipatória é um processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade e de empatia. A Educação Ambiental como campo híbrido de *saberesfazeres* comprometidos com a equalização das relações sociais e com a sustentabilidade ambiental fomenta outras racionalidades que enriquecem a nossa relação com o mundo.

O saber ambiental, por se identificar com projetos que visam a melhores condições de vida para o futuro, cartografa futuros possíveis em que a solidariedade e a prudência de ações são vetores para práticas educativas mais emancipatórias.

Movidos pela crença de formas de vidas

mais encantadas e humanizantes, os/as jovens se colocam como agentes de transformação socioambiental para sociedades sustentáveis e como protagonistas no processo de transição paradigmática e societal. A Educação Ambiental, praticada pela juventude, é então uma educação comprometida com a formação de cidadãos ambientalmente orientados por todos *saberesfazeres* capazes de navegar, prudentemente, à vista das consequências.

### **REFERÊNCIAS**

- ASSMAN, Hugo. **Reencantar a educação: Rumo à sociedade aprendente**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas/SP: Papirus, 2004.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes**. Annablume: 2004.

\_\_\_\_\_. Tecendo os fios da Educação Ambiental:  
o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido.  
**Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.  
251-264, maio/ago. 2005.